

CAPITULO 4

FUNDAMENTOS PARA A PESQUISA E O ESTUDO CRÍTICO DA HISTÓRIA MILITAR

História como instrumento da edificação do futuro de um Exército

Não basta a simples leitura de fatos históricos militares, para deles colher subsídios que contribuam para alicerçar o progresso de uma força armada considerada, na sua instrução e doutrina (1).

E impositivo que a leitura e a pesquisa sejam feitas à luz de elementos de crítica. Elementos que, em princípio, informam a Doutrina Militar do Exército, ministrada nas seguintes escolas: AMAN, EsAO, ECEME e inclusive na ESG. Estas escolas, pois, ensinam os elementos de crítica à luz dos quais a História do Exército deve ser pesquisada e estudada. O presente capítulo abordará os principais elementos de crítica (2).

Fundamento Filosófico

Brasil, país sob Deus: O Brasil é tradicionalmente cristão e democrático.

Esta tradição encontra-se consagrada nas primeiras palavras ou preâmbulo da Constituição Federal: “O Congresso Nacional, invocando a proteção de Deus decreta e promulga o seguinte”.

Segundo Pontes de Miranda, a crença na existência num ser superior deve iluminar toda a nossa Carta Magna.

Em matéria de interpretação histórica, é excluída a concepção filosófica materialista, base do materialismo histórico expresso por Marx e Engels, no Manifesto Comunista em, 1847.

Fundamentos Críticos - Objetivos Nacionais Permanentes

Estes são importantes elementos de crítica e interpretação, para o estudioso e pesquisador da História do Exército Brasileiro. Antes de abordá-los, é importante recordar alguns conceitos relativos à Expressão Militar do Poder Nacional, que o Exército integra como uma de suas expressivas parcelas, e tratados pela ESG (3).

Poder Nacional: É o instrumento de que dispõe a Nação para, sob a direção do Estado, conquistar e manter seus Objetivos”.

Expressão Militar do Poder Nacional: “Constituída de meios predominantemente militares, de que dispõe a Nação para, sob a direção do Estado, promover, pela dissuasão ou pela coação, a conquista e a manutenção dos Objetivos Nacionais” (4).

Caracterização da Expressão Militar: Caracterizada pelos efeitos na área de Segurança Nacional, tanto no campo interno como no externo (5).

Estes conceitos acima são fundamentais para o pesquisador e estudioso da História do Exército, em razão de ser esta força parcela significativa da Expressão Militar do Brasil. Terão pois que estudar e pesquisar quais os efeitos gerados pelo Exército, ao longo de seu processo histórico, nos campos interno e externo da Segurança Nacional. E, mais, as projeções do Exército nas expressões política, social e econômica do Poder Nacional, por ser este um todo integrado e indivisível. Pois, sua divisão, em expressões do poder, é apenas didática para facilitar análises.

Objetivos Nacionais Permanentes (ONP): É o Exército, parcela da Expressão Militar do Poder Nacional, e, o Poder Nacional, o instrumento de que dispõe o Brasil para, sob a direção do Estado Brasileiro, conquistar e manter seus Objetivos Nacionais Permanentes. Decorre disto, para o historiador do Exército, a filosofia que norteará seu trabalho interpretativo da contribuição do Exército para a dos Objetivos Nacionais Permanentes ao longo de nosso processo histórico (5). Os ONP representam interesses e aspirações vitais da Nação Brasileira e que por esta razão subsistem durante longo período de tempo. São assim enumerados pela ESG, sobre os quais o estudioso e historiador do Exército deverá responder às seguintes perguntas:

ONP - Integridade Territorial: Qual tem sido ou qual foi a contribuição do Exército num momento considerado, “para preservar o território nacional em toda a sua extensão e manter suas fronteiras”.

ONP – Integração Nacional: Qual tem sido a contribuição histórica do Exército, ou numa conjuntura considerada, “para consolidar a inteireza da comunidade nacional e a solidariedade entre seus membros, sem preconceitos ou disparidades de qualquer natureza e sua participação consciente e ativa no esforço comum de preservação dos valores que caracterizam a personalidade brasileira, tradicionalmente cristã”?

ONP - Progresso: Qual tem sido a contribuição histórica do Exército, ou numa conjuntura considerada, “leia todos os campos da atividade nacional”?

ONP - Paz Social: Qual tem sido a contribuição histórica do Exército ou numa conjuntura considerada, para o estabelecimento no Brasil de um sistema fundamentado na harmonia, na solidariedade e na solução dos conflitos de interesses entre indivíduos, grupos e categorias sociais, sob a égide do Direito, da Justiça Social e dos Valores Espirituais, Morais e Culturais que alicerçam a Nacionalidade”?

ONP - Soberania: Qual tem sido a contribuição do Exército, ou numa conjuntura considerada, para a “manutenção da intangibilidade da Nação Brasileira, por contribuir para assegurar a sua faculdade de autodeterminação e a sua convivência com as demais nações, em termos de igualdade de direitos e oportunidade”?

ONP - Democracia: Qual tem sido a contribuição histórica do Exército, ou numa conjuntura considerada, para preservar, defender e “aperfeiçoar o regime político, com base nos princípios democráticos e, em coerência com, a realidade brasileira”?

Estes ONP têm caráter didático. São os constantes do Manual Básico da ESG. Eles, têm registrado algumas alterações ao longo da História da ESG, quanto a conceitos, mas não em sua essência.

Uma corrente de estudiosos do assunto, com a qual concordo, tem defendido, academicamente, o acréscimo do seguinte ONP: **A preservação, fortalecimento e projeção dos valores espirituais, morais e culturais da Nacionalidade Brasileira.**

Esta mesma corrente, quanto ao campo da Doutrina Militar, defende a criação de um campo específico de seu desenvolvimento, denominado Forças Morais. Campo que encontra, na preservação dos valores da Nacionalidade, as motivações anímicas do por que instruir-se, lutar e morrer se preciso for, em defesa da Pátria e da Bandeira Brasileira. Do contrário, penso, poderemos correr o risco de, no futuro, sabermos o preço de tudo e desconhecermos o valor do nada. Ou, em realidade, começarmos a fazer de fato o que condenamos na filosofia materialista. Um conceito de Unidade Nacional diluído nos conceitos de Integridade Territorial e Integração Nacional, penso ser contrário às lições da história brasileira.

Como Unidade Nacional entendemos o desejo de todos os filhos do Brasil, ou naturalizamos, serem brasileiros a despeito de divergências intestinas de toda a ordem que poderiam acarretar o surgimento de mais de uma nação em nosso território. E a consagrar historicamente o termo temos a expressão - Duque de Caxias, o preservador da Unidade Nacional, e sua consagração popular com o título de Pacificador, ao atuar nas lutas posteriores à Regência, que ameaçaram transformar o Brasil numa colcha de retalhos, de pequenas nacionalidades, inclusive hostis entre a Já como Integração Nacio-

nal, entendemos, academicamente num, conceito geopolítico: o ideal de que um dia, no Brasil, seu espaço geográfico, venha a ser ecumênico, por superposição a ele, dos espaços políticos econômico e social. Isto, sem desníveis regionais acentuados. Espaço no qual todos os brasileiros participem, espaço no qual todos brasileiros participem igualmente dos benefícios e das riquezas da comunidade nacional. Integração que vem sendo feita com vias de transportes e meios de comunicações, a serviço da circulação dos brasileiros, das riquezas que produzem e de suas idéias.

Uma interpretação pelo estudioso, e historiador militar do papel histórico do Exército Brasileiro, como instituição, dará a seus dirigentes uma visão do seu passado, base para o entendimento do presente e para a moldagem do seu futuro, traduzida por estratégias, fruto de ensinamentos do que deve ser adotado, modificado ou evitado. Do contrário, corre-se o risco de repetir-se erros do passados.

Acreditamos que trabalho desta natureza, por ter de utilizar fontes sigilosas, somente deveria ser realizado por chefes, estudiosos e historiadores militares qualificados do quadro do Exército e no mais alto nível de sua administração e direção.

Fundamentos da Expressão Militar

Os conceitos utilizados para definir a expressão militar do poder e seus elementos constitutivos, são instrumentos valiosos para a pesquisa e estudo crítico da História Militar por chefes e planejadores militares encarregados da atualização de sua doutrina e por historiadores militares. Permitem, avaliar a expressão militar de uma força considerada, em determinado momento histórico, e tirar os ensinamentos decorrentes. A ESG trata com detalhes do assunto que a seguir sintetizaremos, adaptando-os ao Exército.

Fundamentam a Expressão Militar do Exército num momento histórico considerado: Os Recursos humanos, o Território e a sua destinação Constitucional.

Recursos Humanos: Potencial humano, quantitativo e qualitativo, a disposição do Exército, num momento histórico considerado.

Território: É o território brasileiro, o patrimônio que o Exército, junto com a Marinha e Aeronáutica têm preservado. É a situação geoestratégica do território que tem influído historicamente na expressão militar do Exército, através dos seguintes fatores: posição, extensão, forma, fisiografia e recursos naturais.

Destinação Constitucional: Ao longo do processo histórico brasileiro, o Exército tem sofrido modificações quanto à, sua finalidade, com reflexos nos seguintes elementos que o fundamentam constitucionalmente:

- Limitações de esfera de atribuições;
- Subordinação legal;

- Princípios de hierarquia e disciplina;
- Caráter de permanência; e
- Composição básica.

A análise crítica desses elementos de 1824-1930 é rica de ensinamentos para o Exército, como instituição e como força operacional, pelos reflexos negativos na sua evolução.

Estudos recentes de Coelho, **Em busca de Identidade - o Exército e a Política na Sociedade Brasileira**, e Castro, **A Milícia Cidadã - A Guarda Nacional 1831-1850**, evidenciam quão difícil foi para o Exército o período em referência, além de apontarem lições de grande valia particularmente, com erros que não podem ser repetidos (7).

Fatores da Expressão Militar

Como fatores da Expressão Militar do Exército, indicadores do estágio que atingiu num momento histórico considerado, poderíamos usar como elementos de pesquisa e estudo crítico, para dirigentes, planejadores e historiadores, no mais alto nível governamental, os seguintes:

Doutrina do Exército: Em determinado momento histórico, como o Exército era organizado, equipado, instruído, desenvolvia as suas forças morais na guerra e foi empregado? O produto nobre a extrair a Arte da Guerra do Exército Brasileiro, por refletir as táticas e estratégias que usou quando empregado. Exemplo: Guerra Brasileira.

Estrutura Militar: Em determinado momento histórico, como a FTB se organizava e qual era a sua articulação no território? Aí extrairemos subsídios para desenvolver a Geo-História Militar do Brasil.

Alto Comando: Em determinado momento histórico, quais eram os critérios de seleção e padrões culturais profissionais e gerais dos integrantes do Alto Comando e como este atuava?

Integração do Exército com as demais Forças Singulares: Em determinado momento histórico, qual era o grau de integração do Exército com a Marinha e Aeronáutica e o rendimento de operações conjuntas? Rico e relevante filão a explorar!

Instrução: Qual era em determinado momento histórico a capacidade operativa e a eficiência do apoio logístico no Exército, produto da instrução?

Moral Militar e Virtudes Militares, a qualidade, em determinado momento histórico, do Moral do Exército e como era preservado e fortalecido?

As Virtudes Militares

Como as demais funções sociais a profissão militar possui sua escala de valores ou axiológica específica, traduzida por virtudes militares. Como boas

qualidades morais, elas impelem o soldado a bem cumprir seus deveres para com a sua pátria, com o mais elevado grau de obediência e respeito à hierarquia e disciplina, vigas mestras de toda a instituição militar. Elas desenvolvem o espírito militar do soldado, ao ponto dele encontrar forças em seu íntimo, para dar a sua vida, se preciso, em defesa, no caso em tela, do Brasil. As virtudes militares são predicados morais indispensáveis ao eficiente exercício da profissão soldado. Vale a pena recordá-las e defini-las sinteticamente, no torvelinho da hora presente, em que valores consumistas e amorais estranhos às tradições do Brasil, propagados intensamente pela mídia, tendem a amortecê-las e confundi-las e mesmo sufocá-las nos peitos de muitos soldados brasileiros, confusos com o mundo a sua volta:

- **Coragem:** É a virtude que faz com que o soldado despreze o perigo, face a imposição de bem cumprir o dever militar custe o que custar!

- **Bravura:** É a virtude que caracteriza o soldado valente, intrépido, impetuoso, arrojado e que se distingue da coragem por ser fruto de temperamento pessoal.

- **Camaradagem:** É a virtude que caracteriza o elevado sentimento de fraternidade e de afeição que cada soldado deve cultivar em relação aos demais soldados

- **Solidariedade:** É a virtude que impele os soldados a se auxiliarem mutuamente.

- **Abnegação:** É a virtude que sustenta o soldado no cumprimento do dever militar, a despeito das adversidades sacrifícios e privações a que for submetido.

- **Honra Militar:** É a virtude que leva o soldado a cumprir conscientemente o dever que for imposto. É a religião da disciplina consciente.

- **Iniciativa:** É a virtude que impele o soldado, numa emergência a agir com consciência e reflexão para dar com a maior presteza e, sobretudo com oportunidade a solução adequada exigida para o caso. Ela é importante em campanha!

- **Devotamento:** É a virtude que impele o soldado a fazer sacrifícios e a padecer privações em benefício da segurança de sua pátria e de seus compatriotas.

- **Moralidade:** É a virtude que impõe ao soldado, não só o cumprimento das leis e regulamentos e normas como ir além, cumprindo os ditames da moral social.

- **Amor a ordem:** É a virtude que impõe ao soldado apresentar-se bem em todas as atividades profissionais e sociais. É, por exemplo, bem fardar-se.

- **Pontualidade:** É a virtude que impõe ao soldado o cumprimento fiel a tempo e a hora das ordens recebidas e das obrigações decorrentes.

- **Presteza:** É a virtude que impõe ao soldado consciente que ele cumpra no menor espaço de tempo e na melhor forma possível as ordens recebidas.

- **Decoro militar:** É a virtude que impõe ao soldado boa conduta e educação civil e militar.

Estudiosos do assunto mencionam, como a insistência do ensino com

base em exemplos reais de militares brasileiros e a cobrança destas virtudes em todos os níveis, numa instituição militar, bem como, a sistemática emulação e destaque aos soldados que as praticam, resultam numa grande eficiência operacional de uma tropa militar considerada. Outros consideram as virtudes militares como a base da infra-estrutura educacional do soldado sobre a qual deve se assentar como superestrutura o seu processo de adestramento.

Ciência e tecnologia: Qual estágio científico e tecnológico atingido pelo Exército num momento histórico considerado? E quais os seus reflexos na organização, equipamento, instrução e emprego? Esta parte pertence ao que chamaríamos ciência da guerra do Exército e que contribuirá para a edificação do seu futuro. Pois nesta matéria devemos estar de olho no presente da ciência da guerra mundial, para inclusive visualizarmos sua tendência futura.

Mobilização: Qual foi a capacidade do Exército num momento considerado, de planejar e beneficiar-se de recursos humanos e materiais, que lhe assegurassem a máxima possibilidade de durar numa ação? O estudo crítico deste fator encerra grandes ensinamentos para a edificação do Exército do futuro.

Serviço Militar: Quais eram as formas do Exército, num momento histórico considerado, de utilizar recursos humanos e formar reservas para o caso de guerra? Este fator estudado com espírito crítico é fonte de grandes ensinamentos históricos.

História Militar

“O estudo da História, particularmente da História Militar de uma nação, conduz a conclusões e levanta fatores capazes de influir na Expressão Militar de seu Poder Nacional.

Campanhas militares, caminhos normais de penetração, erros e acertos, tradições e cultos a líderes e heróis trazem reflexos na formulação da doutrina, no moral e na estrutura militares, respeitada, é claro, a evolução no tempo.

Figuram, ainda as tradições históricas e militares como fatores de influência sobre o Poder Militar. Essas tradições, que cumpre cultivar e manter, não devem, por outro lado, apresentar obstáculos intransponíveis à evolução, ao desenvolvimento e à tecnologia” (8).

A frase expressa no conceito acima “respeitada, é claro, a evolução do tempo”, merece a seguinte reflexão:

Podemos falar em evolução da Arte e da Ciência da Guerra do Exército Brasileiro. Entendo a primeira como soluções táticas, estratégicas e logísticas usadas pelo Exército para ajudar, com destaque, a solucionar problemas específicos. E mais, contribuir para um Brasil de dimensões continentais, não por obra do milagre, mas com o concurso expressivo da Expressão Militar. E o que for extraído desta análise pelo espírito militar criador de chefes, pensadores, planejadores e historiadores do Exército, será o alicerce de sua edificação futura.

A confusão da História do Exército Brasileiro com a História da Ciência da Guerra, particularmente do equipamento do Exército, tem levado muitos a subestimar sua capacidade de edificar o Exército do futuro. E assim, a tem desprestigiado como cultura inútil só válida para fortalecer a coesão do Exército, através do culto dos heróis e das tradições militares. É posição que causa grandes prejuízos ao Exército. Convém seja revista pelos que assim pensam.

Fundamentação da Arte e Ciência Militar

A parte a seguir refere-se a fundamentos diretamente ligados à Arte e à Ciência Militar. Eles possibilitam a pesquisa e o estudo crítico de operações e ações militares do ponto de vista profissional militar, com fins didáticos ou para o desenvolvimento da doutrina militar de uma força considerada. Sempre com apoio na experiência colhida pela História Militar Geral e na experiência própria, no maior laboratório da Arte e Ciência Militar o Campo de Batalha.

Conceitos de Arte e Ciência Militar

Ciência Militar: Conjunto de conhecimentos militares acumulados pela História Militar da Humanidade, coordenados com vistas ao preparo das forças armadas para a guerra. Está a serviço da política interna e externa de um Estado considerado.

Arte Militar: Poderíamos conceituar como a perícia, inspiração, originalidade, habilidade e a astúcia de um chefe militar, em bem coordenar os conhecimentos e meios fornecidos pela Ciência Militar e os empregar com apoio nos fundamentos da própria Arte Militar. Tudo, com vistas a conquista de objetivos militares, em acordo com a política de guerra de seu país.

É possível muitos serem cientistas da guerra. Isto é, serem capazes de bem organizar, equipar, instruir e desenvolver as forças morais de um Exército. É privilégio de poucos cientistas militares atingirem o estágio de artistas da guerra, ou o de bem realizarem a conduta superior de guerra, ou a “Arte do praticável na guerra”.

Entre muitos grandes capitães neste caso, registrem-se: Alexandre, o Grande; Anibal; Cesar; Carlos Magno; Gengis Kan; Gustavo Adolfo; Frederico II; Turenne; Napoleão; Patton; o nosso, Duque de Caxias; etc. Todos ainda hoje estudados na Academia Militar das Agulhas Negras, no assunto Evolução da Arte da Guerra, incluídos entre os chefes da História que não copiaram e exercitaram o Pensamento Militar Criador.

Estratégia e Tática Militar: A Estratégia é Arte Militar no tocante a planejar e bem conduzir forças (homens e equipamentos) na Batalha.

- A estratégia responde diretamente à política de guerra de uma nação. Caracteriza-a o planejamento e emprego de grandes massas militares. No caso das forças terrestres, em princípio, do escalão Exército para cima, atuando em grandes espaços. Tudo com finalidades operacionais decisivas no desenvolvi-

mento de guerras. E mais, executando ações sobre direções estratégicas, incidindo sobre objetivos estratégicos fixados pela política de guerra.

Tática corresponde em menor amplitude à mesma idéia de estratégia. Ela se subordina diretamente aos interesses da Estratégia. Caracterizam-na ações de menor amplitude, executadas por forças, em princípio inferiores ao escalão Exército. Isto, para a conquista de objetivos intermediários necessários à conquista dos objetivos estratégicos.

Como exemplo, poderíamos dizer: No Brasil, em princípio, os exércitos realizam ações estratégicas. Os demais escalões, em princípio, ações táticas. Mas não existe rigor nisso. Cada caso é um caso. Possuindo o mesmo conceito as palavras estratégia e tática, torna-se difícil distingui-las, nos limites em que se aproximam.

A caracterização de cada uma, necessita um certo estudo da situação militar para defini-la. Moltke, o Velho assim as definiu:

“A estratégia ensina quando e onde se deve combater e a tática nos ensina como se deve combater”.

Preferimos hoje o conceito definido por Beaufre:

“Estratégia é a arte de aplicar a força de modo a contribuir, o mais eficiente, na consecução dos fins estabelecidos pela política (10).

E como Moltke muitos tentaram estabelecer diferenças entre a tática e a estratégia, numa simples frase. Mas elas continuaram a desafiar os pensadores.

Para quem quiser desenvolver-se no assunto relacionado com estratégia, tratado por pensadores brasileiros, recomendo a leitura das seguintes obras:

- ALVARES, Obino. **Estudos de Estratégia** – Rio de Janeiro; BIBLIEX, 1973.

- LAVANERE - WANDERLEY Nelson Freire. **Estratégia Militar e Desarmamento** - Rio; BIBLIEX, 1971.

- ECEME - **O Marechal Castelo Branco e o seu Pensamento militar.**

- COUTO e SILVA, Golbery. **Geopolítica do Brasil** – Rio de Janeiro; BIBLIEX Liv. José Olympio, 1967.

- MATTOS, Carlos Meira. **A Geopolítica e as Projeções do Poder.** Rio de Janeiro BIBLIEX, 1976.

- RODRIGUES, Lysias. **Geopolítica do Brasil** – Rio de Janeiro; BIBLIEX,1

- ECEME - **As Forças Armadas Brasileiras - O Exército**, 1969 (Rio).

Trabalho em equipe realizado pelos coronéis Osny Vascolos, Otávio Pereira da Costa e tenentes-coronéis Alkin Machado Bona e Dalnio Starling.

Sempre procuramos neste trabalho evidenciar e valorizar o pensador militar brasileiro. Golbery do Couto e Silva, ao prefaciar o livro **A Manobra na Guerra**, de Amerino Raposo Filho, e que abordaremos em local próprio, preconiza a seguinte tipologia da estratégia:

- **Estratégia do forte contra o fraco;**
- **Estratégia do fraco contra o forte; e**
- **Estratégia entre equipotentes.**

Logística: É a parte da Arte e da Ciência Militar encarregada de “prever para prover”. Prever, ou seja, planejar, organizar, dirigir controlar e coordenar a aquisição de suprimentos necessários às operações militares. Prover, é fornecer no local e tempo previstos os suprimentos, em quantidade e qualidade suficientes (alimentos, fardamento, munição, combustíveis, água, etc.). E mais, prestação de serviços diversos, essenciais à vida de uma força em campanha. Este aspecto da História do Exército propicia inúmeros casos para o exercício da crítica como a definiu Jonini. Pelo seu descuido, pagamos alto preço em Canudos. Providências, para sanar suas deficiências naquela campanha pelo Ministro da Guerra Marechal Carlos Machado Bitencourt, o consagraríamos, em 1940, como Patrono do Serviço de Intendência do Exército (11).

É um setor importante da Arte e Ciência da Guerra, e por vez subestimado e descuidado na paz. Sem uma Logística eficiente, a Tática e a Estratégia não se realizam.

A ECEME, preocupada com o problema, ensaiou por volta de 1966-69 o SAEB, ou **Sistema de Apoio Administrativo do Exército Brasileiro**.

Sistema feito da análise da experiência histórica do Exército adaptado às nossas realidades operacionais e econômicas. Talvez, no campo da Logística, a análise crítica da História do Exército é a que tenha mais contribuído para adaptar sua doutrina à realidade brasileira:

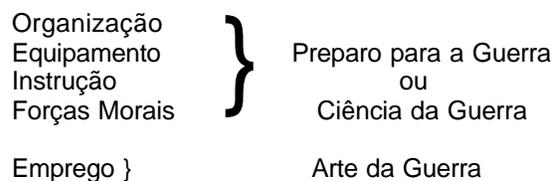
Realidade muito distante da americana, que vinha sendo ensinada no Brasil, com apoio em manuais específicos. A lição da História do Exército aconselha:

“Não descuide ou subestime a Logística”.

Para colher-se ensinamentos de Logística e de sua realidade nossa última experiência na FEB, aconselhamos a leitura e meditação do trabalho: CAMPOS, Senna A.J. Gen - **Com a FEB na Itália** - Rio, S Ge Ex, 1970. Testemunho sincero de autoridade militar brasileira que teve a seu cargo na Itália a chefia da 4ª Seção – Logística do EM da FEB. Trabalho histórico-militar crítico, com ensinamentos obtidos no maior laboratório da Doutrina Militar - o Campo de Batalha.

Fundamentos da Arte de Guerra

1 - **Doutrina Militar:** São os princípios pelos quais uma força militar é organizada, equipada, instruída, empregada e desenvolvidas suas forças morais da guerra. Uma Doutrina Militar se desenvolve em cinco campos:



O que acabamos de expor é um entendimento pessoal e prático da definição de Doutrina Militar expressa no C-20-320:

“Conceitos básicos, princípios gerais, processos e normas de comportamento que sistematizam e coordenam as atividades de uma força armada”.

Os campos da doutrina militar são valiosos instrumentos para o chefe, o pensador, o planejador - encarregados do seu desenvolvimento e para o historiador, tendo em vista a pesquisa e estudo crítico de uma força considerada. Tudo buscando caracterizar o desenvolvimento histórico atingido em certo momento.

Por exemplo, o advento das armas nucleares determinou profundas modificações nos campos da Organização, Equipamento, Instrução e Forças Morais. E, em consequência, no planejamento do emprego de uma força.

A introdução do canhão, da metralhadora, dos carros de combate, do avião, dos gases e de propaganda psicológica provocaram modificações profundas na Doutrina Militar. De igual forma o cartucho, o estribo na cavalaria, a baioneta, etc.

A idéia de Doutrina Militar é de real valia no estudo crítico de evolução da Arte e Ciência da Guerra, nos diversos estágios da Civilização.

2 - **Fatores da decisão:** São fundamentos críticos valiosos para a pesquisa e estudo de História Militar. Isto, para a pesquisa dos ensinamentos colhidos na decisão de um comandante de um escalão considerado. Eles são: Missão, Terreno, Inimigo e Meios.

Foram percebidos e tratados por Sun Tzu em sua obra sobre **Arte da Guerra**, há dois e meio milênios. Qualquer decisão militar é fruto de uma análise lógica desses fatores, no clássico Estudo de Situação. Processo lógico de raciocínio, deriva do Discurso do Método de Descartes, aplicado à resolução de um problema de Arte e Ciência Militar(13).

Missão: Quem a recebe formula a clássica pergunta “De que se trata?” A seguir, procura saber as ações, que foram impostas e deduzir as não expressas. Depois passa ao estudo de outros fatores condicionantes de sua missão, à luz de informações militares suficientes.

Terreno: Tendo como farol a missão recebida, estuda o terreno onde irá atuar. Isto, quanto a seus aspectos topotáticos: Observação e Campos de Tiro, Cobertas e Abrigos, Obstáculos, Vias de Acesso e Acidentes Capitais. E mais, as Condições Meteorológicas.

Inimigo: Procura estudar o inimigo a enfrentar, em seus aspectos: Organização, Equipamento, Instrução e Forças Morais. Depois conclui sobre suas deficiências, vulnerabilidade e possibilidades.

Meios: É o estudo crítico de sua situação sobre o mesmo enfoque, para concluir suas deficiências, vulnerabilidades, pontos fortes e possibilidades reais. Sua decisão, teoricamente, se baseará na exploração de seus pontos fortes contra as vulnerabilidades do inimigo. E mais, na adoção de medidas de segurança para negar ao inimigo a exploração de suas deficiências e vulnerabilidades, ou contra informação. No Estudo de Situação, função do escalão, cada fator se desdobra em diversos elementos. Eles serão considerados na pesquisa e estudo crítico de uma ação militar passada.

A decisão, resultante de um Estudo de Situação, contém em seu bojo a aplicação dos princípios de guerra e a manobra a adotar (Objetivo, Forma, Direção e Repartição de Meios) (14).

Do Estudo de Situação, ministrado na ECEME, o chefe, o planejador e o historiador militar poderão retirar os fundamentos e elementos para a pesquisa e estudo crítico de uma operação militar passada ou de uma manobra realizada como exercício.

3 - Fator Militar: É um conjunto resultante do somatório de diversas parcelas. Seu desempenho positivo ou negativo é função da qualidade ou influência das múltiplas parcelas que caracterizam: Chefe, Estado-Maior, Tropa, Equipamento, Terreno, Condições Meteorológicas, Imponderáveis da Guerra, Incerteza da Situação, Confusão no Combate, Aplicação dos Fundamentos da Arte da Guerra, Grau de Operacionalidade, Moral, Pensamento Militar Criador, Tecnologia, etc.

O Fator Militar é composto de duas ordens de forças. As materiais e as morais. As últimas assumem relevância nos exércitos pobres. Os estudiosos de Arte e Ciência Militar têm enfatizado este aspecto. Napoleão as cotava em 3x1, em relação às forças materiais. Os pensadores militares brasileiros J. B. Magalhães e Castelo Branco, davam especial relevo de forças morais de uma tropa (15).

a. Chefe Ele é o catalisador de todos os elementos do fator militar. É o responsável pela combinação harmônica de todos eles no combate. Assemelha-se ao regente de uma grande orquestra. O chefe caracteriza-se por seu caráter, capacidade, experiência profissional e características de sua liderança.

A História Militar dedica especial atenção ao estudo dos grandes chefes militares, através dos estudos biográficos e autobiográficos.

Em Campanha, é uma preocupação das informações militares, conhecer as características do chefe que está do outro lado (16).

b. Estado-Maior: Após Napoleão este elemento passou a ter uma grande relevância. A derrota daquele grande Capitão é atribuída à falta de um Estado-Maior, para auxiliá-lo na conduta da guerra. Na Prússia do século XIX, ficou patenteada a relevância de um Estado-Maior. Com perseverança e continuidade de permanência na função e na ação, o Estado-Maior conseguiu transformar

o inexpressivo Exército Prussiano na mais eficiente máquina de guerra do século.

A satisfação e a complexidade crescentes da guerra obrigaram os chefes a recorrerem a assessores em pessoal, material, instrução e emprego de tropa, informações, em ações psicológicas, governo civil e em História Militar e Geografia. No Brasil, o Estado-Maior do Exército foi criado em 1899 (17). Logo após foi iniciada a formação de oficiais de Estado-Maior, destinados a assessorar os chefes nos mais altos escalões do Exército, como instituição e força operacional. E os frutos obtidos são indiscutíveis.

c. Tropa: Define-se pela quantidade e qualidade. Nesta última entre outros elementos considera-se o seu grau de adestramento, padrões sanitários, características que refletem o caráter nacional do povo a que pertence e forças morais (convicção de por que lutar ou na justiça da causa).

Para estimar-se a qualidade de uma tropa, dispõe o estudioso ou o pesquisador de vários elementos de crítica.

d. Equipamento: São os recursos quantitativos e qualitativos postos em jogo no combate: material bélico, suprimentos e materiais de toda ordem, não enquadrados nas duas categorias citadas.

O material de comunicações assume especial relevo. Ele infraestrutura a arma do chefe, as Comunicações. Sem elas suficientes e eficientes, o chefe não poderá bem reger a orquestra posta a sua disposição. Fica mudo e impotente. Deficiências neste setor, ensejam interessantes exercícios de crítica, para o chefe, o pensador, o planejador e historiador militar.

No desembarque na Normandia, um comandante americano ficou isolado do restante de seus elementos subordinados.

Um tenente conseguiu descobrir um "hand talk". Mas para que pudesse ser usado, dependia de um ferro de soldar que não foi encontrado disponível, no meio de todo o material desembarcado na praia. Isto é o que contou o general Omar Bradley, em **História de um Soldado** (18).

A experiência histórica tem demonstrado, em guerras recentes, que exércitos dispostos de bom equipamento não foram capazes de tirar rendimento do mesmo, por deficiências culturais da tropa.

e. Terreno: O grau de dificuldade que o terreno apresenta a uma operação, repercute sensivelmente no Fator Militar. Seus elementos topotáticos servem para a pesquisa e estudo crítico de uma operação militar.

f. Condições Meteorológicas: As condições meteorológicas, chuva, neve, vento, nevoeiro, fase da lua, etc., repercutem no Fator Militar.

g. Os imponderáveis da guerra: São circunstâncias imprevisíveis num combate, influenciando decisivamente em seus resultados.

Na Rússia, antecipação de cinco semanas na entrada do inverno, contrariando o que vinha acontecendo há 20 anos, terminou por destruir o Exército de Napoleão.

Em Passo do Rosário, em 20 fevereiro de 1827, o vento soprando na direção do Exército de Barbacena e mais o capim seco pela longa estiagem,

criaram condições para que o campo de batalha fosse incendiado. Em consequência, Barbacena teve de ordenar a realização da retirada, para evitar que seu Exército fosse destruído pelo fogo e asfixia.

h. Incerteza da situação: Normalmente um chefe não dispõe de informações suficientes para lastrear seu Estudo de Situação. As medidas de contra-informação do inimigo restringem a ação de seu setor de informações. Daí decorre o risco calculado.

Churchill já afirmava: “não se pode conduzir uma guerra na base da certeza”.

O chefe, nestas ocasiões, procura apoiar-se nos princípios de guerra da Segurança e de Economia de Forças, para precaver-se contra a incerteza.

i. Confusão no combate: Alguém já definiu: “Combate e confusão”. E o chefe e a tropa têm de estar preparados e com a cabeça fria, para exercitarem o espírito de iniciativa, em situações confusas de combate.

j. Observância dos mandamentos da guerra de seus princípios e da doutrina de manobra: Estes elementos fundamentam as decisões no campo da Arte da Guerra. Dada a sua relevância, serão estudada e desenvolvidos em separado.

l. Grau de operacionalidade: Uma força poderá dispor de um bom chefe, bom Estado-Maior, boa Tropa, bom Equipamento e Moral, mas não estando habituados a atuar em conjunto, na paz poderá apresentar um baixo rendimento na guerra. Daí a necessidade de exercícios na paz. Manobras na carta, de Estado-Maior e de quadros. E finalmente exercícios de Estado-Maior, quadros e tropa, no campo. No Brasil são caros os exercícios do último tipo. Os jogos de guerra são mais baratos e de grande rendimento.

m. Moral: Quanto mais elevado, maior será a qualidade do Fator Militar. É o combatente convicto da razão de por que instruir-se ou lutar. Este assunto já foi abordado em outros locais neste trabalho.

Influi no moral, o pensamento militar de uma força, decorrente do pensamento político de sua nação. Exemplo: Pensamento político português foi o de dilatar a Fé e o Império. O pensamento militar decorrente foi uma consequência: “Julgada a causa justa, pedir proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios”.

n. Pensamento militar criador: Espírito que deve dominar todos os integrantes de um força. Pensar para rejeitar, modificar, inovar e progredir. Capacidade de criticar, sadiamente, idéias previamente aceitas, visando a rejeitá-las ou modificá-las. Se contrapõe à derrotista de que nada se cria tudo se copia.

Todos os conceitos da Doutrina Militar resultaram do pensamento militar criador. Todas as inovações na Doutrina Militar foram em determinada ocasião uma idéia revolucionária de um chefe ou pensador militar. O sucesso militar dos grandes capitães da História Militar deveu-se, em grande parte, ao pensamento militar criador. Tiveram coragem de não copiar. De discutir idéias

previamente aceitas de Doutrina Militar. E a seguir, rejeitá-las, modificá-las ou criarem idéias novas responsáveis pelas vitórias de seus exércitos.

É o caso de Alexandre, Aníbal, Gustavo Adolfo, Napoleão, Clausewitz, Frederico II", Douhent, Mahan, Vauban e outros tantos nomes da Arte da Guerra.

Existe nos exércitos do mundo uma barreira sociológica tendente a asfixiar o pensamento militar criador de seus membros. Esta tendência deve ser combatida por chefes em todos os escalões. Segundo o Ten Cel Kenneth Hatch, do Exército dos EUA (18), **“contribuem para a asfixia do pensamento militar: a tradição, a obediência submissa, o conservadorismo, o conformismo, o preconceito entre Forças Armadas e nelas de Armas, o pensamento copiado ou comprado”**.

Nos EUA, segundo o autor citado, a necessidade de estímulo ao pensamento militar criador é reconhecida e adotada nas Academias do Exército, da Marinha e da Aeronáutica e nos demais cursos superiores das referidas forças.

Em “West Point”, o pensamento militar criador faz parte do curso de liderança militar.

o. Tecnologia: A qualidade do Fator Militar depende muito do grau tecnológico dos equipamentos militares. E os exércitos das grandes potências são um exemplo de como o desenvolvimento tecnológico interfere no rendimento de seus equipamentos.

Advertência: O pensamento militar criador não deve ser confundido com improvisação. Suas criações não podem ser aleatoriamente introduzidas numa Doutrina Militar. Devem ser encaminhadas ao Órgão competente, o Estado-Maior do Exército, para estudo e posterior incorporação no Corpo de Doutrina do Exército. A Doutrina é dinâmica, mas possui o caráter de lei para o militar que pratica a disciplina consciente. E sua modificação só poderá ser feita pelo órgão competente. Uma inovação sem satisfazer esta exigência, poderá causar mais males do que benefícios ao Exército. Segundo J. E. Magalhães a cópia pura e simples de doutrinas de outros povos é lesiva e prejudicial à força que o copia. O ideal é a assimilação de doutrinas, o que implica em adaptações às realidades mais diversas da força militar considerada. Dentro deste espírito o autor citado, patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre, editou:

- Civilização, Guerra e Chefe Militar. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1959;
- A Compreensão da Unidade do Brasil. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1956;
- Evolução Militar do Brasil. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1958; e
- Noções Militares Fundamentais -. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1945.

O pensamento militar deste autor do Exército Brasileiro possui grande atualidade e utilidade para o ideal de desenvolvimento progressivo da Doutrina do Exército. Escritores contemporâneos de J. B. Magalhães o classificam e o consideram o maior pensador militar brasileiro da sua geração, ao lado do Mal Castelo Branco.

4 - **Mandamentos da Guerra:** Considero como mandamentos certos fatores, que por decisivos, não podem ser desprezados pelo chefe e pensador militar, no planejamento e na conduta tática e estratégica da guerra. Isto, por constituírem a essência filosófica da guerra:

a. Mandamento da força - Sem força em todos os seus aspectos, não se faz a guerra. São forças morais e materiais.

b. Mandamento do movimento - Guerra é movimento. Guerra estática não existe. O movimento é o deslocamento da força para o objetivo.

c. Mandamento da ofensiva - Guerra sem planejamento de atitudes ofensivas, em qualquer fase de sua execução, é condenação prévia à capitulação.

d. Mandamento da segurança - A proteção pura e simples não é garantia de segurança, mas sim, a ação militar flexível, protegida por medidas de segurança.

e. Mandamento da contingência - Entre a guerra e seu planejamento existe a contingência e o imponderável. Não se submeter a esses fatores. Procurar dominá-los ou diminuir seus efeitos. Normalmente o que é planejado não é executado, em razão da contingência e do imponderável da guerra.

Os mandamentos citados permitem a pesquisa e o estudo crítico da História Militar no nível estratégico. O assunto, sob o título de leis de guerra, foi desenvolvido pelo general Castelo Branco, em 02 de março de 1962, na aula inaugural da EsAO (20).

5 - **Princípios de Guerra:** É um conjunto de elementos que - a pesquisa e o estudo crítico intensos da História Militar da Humanidade, levados a efeito por chefes, pensadores e historiadores militares - revelaram um emprego constante. Tudo, com vistas à judiciosa aplicação dos meios postos à disposição de um comandante, nos mais diversos escalões táticos e estratégicos, empenhados na execução das guerras.

Eles são válidos para os comandantes, desde o mais alto escalão operacional, até o mais baixo. Válidos, inclusive, para o combatente isolado e para o homem comum. No último caso, para conduzir sua vida com sucesso, na conquista de seus objetivos. Eles podem ser apropriados a qualquer tipo de ação na vida civil.

Por todas essas razões, os Princípios de Guerra são estudados e analisados, através de casos históricos, na AMAN, na Cadeira de História Militar (21). Posteriormente, na EsAO e na ECEME, nos estudos de Tática, Estratégia e de História Militar. Para aprofundamento no assunto, consultar manuais específicos utilizados por essas escolas.

Não existe um consenso internacional sobre a denominação e definição dos Princípios de Guerra. Consideremos os que julgamos mais apropriados e que temos utilizado para o estudo e pesquisa crítica em História Militar. Deles,

não foi consagrado pelo Estado-Maior, o Princípio das Informações que abordo historicamente e não em caráter oficial ou doutrinário. Em nosso Exército este princípio está compreendido no Princípio de Guerra da Segurança.

a. Princípio das informações: É a infra-estrutura dos demais. Nenhum comandante pode realizar seu Estudo de Situação e chegar a uma decisão judiciosa, sem dispor de informações suficientes e o mais aproximadas possível, sobre o Terreno, Inimigo, Meios e Forças Morais, de sua tropa e da inimiga. Sem informações ele encontrará dificuldade em decidir qual o objetivo. Sem informações, equivale a realizar um vôo cego. Correrá riscos. Não poderá cobrir-se contra a surpresa. Aumentarão as possibilidades de ocorrências de contingências e imponderáveis da guerra.

Este assunto é abordado pela revista Coletânea da EsNI, Nº 12/77. Ao final da abordagem de todos os princípios voltaremos ao das informações que, em razão da complexidade crescente da guerra, vem proclamando sua independência do princípio da segurança.

b. Princípio do objetivo: O que atacar e onde atacar, destruir, conquistar, defender, manter, retardar, etc. Após o das Informações, considero o mais importante. O princípio do objetivo encerra a idéia de convergência e persistência de esforços para conquistá-lo. Ele é a razão de toda operação. Mal aplicado este princípio, comprometerá a aplicação dos demais.

A política fixa o objetivo estratégico a ser conquistado. Com apoio nele, a partir do mais alto escalão operacional encarregado de conquistá-lo, todos os escalões subordinados receberão ou deduzirão os objetivos correspondentes intermediários, para chegar ao objetivo final.

c. Princípio da massa: Ser forte, material e moralmente, no ponto decisivo.

O ponto decisivo, não é o ponto mais fraco do inimigo nem onde ele é mais forte – é o centro de gravidade de seu sistema ofensivo ou defensivo. É a sua parte mais comprometedor. É o calcanhar de Aquiles. A judiciosa aplicação desse princípio tem proporcionado vitórias a forças numericamente inferiores, porém, melhor comandadas. Na prática, hoje, ele se traduz pelo Ataque Principal ou “Esforço Defensivo”. Massa, no caso, significa maior dosagem de armas base e de apoios, numa direção de ataque ou direção mais provável do ataque principal ou esforço inimigo. Na direção do esforço defensivo, através de obstáculos de toda a ordem. A Engenharia aumenta o poder defensivo da tropa encarregada de realizá-lo, através do Sistema de Barreiras.

d. Princípio da ofensiva: Refere-se à atitude ofensiva e não a manobra ofensiva. É própria das manobras ofensiva e defensiva, a atitude ofensiva. Daí poder-se afirmar: **só a atitude ofensiva conduz à vitória.** Numa manobra defensiva, através de potentes e bem executados contra-ataques, pode se abrir a porta para a manobra ofensiva. A manobra defensiva é uma imposição temporária por circunstâncias adversas. Manobra defensiva, sem atitudes ofensivas (Ex: contra-ataques) é derrota, ou condenação prévia a derrota.

Mesmo o fraco contra o muito forte mantém a atitude ofensiva - a guerra de guerrilhas, que um dia poderá conduzi-lo à manobra ofensiva e à vitória final. Ofensiva é ofender, agredir, causar danos e prejuízos ao adversário em qualquer circunstância. Inclui emboscar, uma tradição militar brasileira colonial.

E a História do Exército Brasileiro nos fornece dois clássicos exemplos. O primeiro, nas guerras Holandesas e o segundo, na guerra 1763-1777, no Rio Grande do Sul, onde o recurso à guerra de guerrilhas, do fraco contra o forte, conduziu a vitória final. Foram a Guerra Brasilica no NE e a gaúcha no Sul.

Para informações sobre o papel das guerrilhas nas guerras Holandesas e na guerra do Sul 1763-1777, leia-se do autor **A Batalha dos Guararapes e A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul** (22). Ofensiva é conquistar e manter a iniciativa das ações e impor a vontade ao adversário.

e. Princípio da economia de forças: Empregue o mínimo necessário para ações secundárias: ataques secundários, vigilância, fintas, dissimulação, etc. Para Castelo Branco, em 1946, na ECEME, “o princípio da economia de forças poderia resumir os demais princípios de guerra”. Para ser forte no ponto mais comprometedor do inimigo, é impositivo a economia de meios nas ações complementares à principal.

A aplicação deste princípio e seu domínio, marca a vocação do artista da guerra. Razão de Castelo Branco afirmar ser ele a síntese dos demais.

f. Princípio da manobra: Manobra é movimento. É o deslocamento da massa para o ponto mais comprometedor do dispositivo inimigo - o objetivo - “ou o calcanhar de Aquiles”. Tudo, para colocá-lo em posição desvantajosa.

O princípio da manobra foi assim caracterizado por Napoleão, juntamente com os da massa, ofensiva e objetivo”.

“Quando inferior em forças, frente a um grande Exército, concentrava minhas forças (MASSA) e caía como um raio (MANOBRA e OFENSIVA) sobre uma das alas do inimigo e o destruía (OBJETIVO). E o atacava (OFENSIVA) em outros pontos (MANOBRA), sempre com todas as minhas forças (MASSA)”.

É da essência do princípio da manobra a rapidez e a massa.

O princípio aplica-se a todos os tipos de operações, ofensivas ou defensivas, sempre que uma força deva ser deslocada de um ponto para outro.

Alguns denominam este princípio de Movimento ou o decompõe em: Mobilidade, Rapidez, Liberdade de Ação e Flexibilidade.

Caxias - o Patrono do Exército Brasileiro - consagrou-se na História Militar Mundial pela judiciosa aplicação do princípio da manobra, na marcha sobre o Chaco, para flanquear Piquiciri - e decidir estrategicamente a guerra, na Dezembroada. E mais, na marcha de flanco sobre Humaitá, fazendo-a cair pela manobra.

O então major Humberto de Alencar Castelo Branco realizou, em 1939, na ECEME, duas conferências sobre as manobras de Humaitá e Piquiciri, tendo como enfoque crítico os princípios de guerra, particularmente o da manobra (23).

g. Princípio da surpresa: É atingir o inimigo onde e quando ele não esteja preparado para reagir. Se obtida pelo fraco, pode implicar na derrota do

forte. A surpresa militar é tática ou estratégica e se obtida:

- Neutraliza a segurança do inimigo; e
- Anula sua capacidade física e psicológica de reação.

Surpresa técnica liga-se à idéia do emprego pela primeira vez de um novo meio ou instrumento de guerra (canhão, gases, carro de combate e até o cavalo, etc.).

Surpresa é segredo, audácia, rapidez, iniciativa de execução, agressividade e é originalidade, capazes de provocar no inimigo confusão, desmoralização, pânico e impossibilidade de reação em tempo útil. Na primeira Batalha dos Guararapes, o princípio de guerra da surpresa concorreu decisivamente para a vitória. De igual forma, na marcha de flanco de Piquiciri, realizada por Caxias, através da Estrada do Chaco. Para a conquista do Forte São Martinho, em 1775, próximo a Santa Maria-RS, a surpresa foi decisiva.

Foi aberta um picada pelo mato que levou o major Rafael Pinto Bandeira, durante a noite, diretamente à retaguarda do forte.

A reconquista da Vila do Rio Grande, em 1776, deveu-se à correta aplicação do princípio da surpresa, pelo general Henrique Boehn - comandante do Exército do Sul (24). Na reconquista de Corumbá, no final da guerra do Paraguai, ficou evidenciada a aplicação do princípio da surpresa. Os brasileiros a atacaram na hora em que o adversário seesteava.

A História do Exército Brasileiro é rica em casos históricos de aplicação da surpresa. Casos que estão aguardando a exploração crítica pelos estudiosos brasileiros, militares em geral e historiadores. O soldado português foi mestre da surpresa, como decorrência do pequeno potencial humano de seu país. E o próprio pensamento militar que os norteava "a ofensiva, mesmo em inferioridade de meios", implicava na procura da máxima exploração do princípio da surpresa.

As raízes branca e índia do brasileiro cultivavam este princípio.

h. Princípio da segurança: Ele decorre da judiciosa aplicação do princípio das informações, antes e durante o combate. E mais, do princípio da economia de meios na judiciosa organização do dispositivo. Nesta organização, as forças e a reserva traduzem um dos mais importantes aspectos do princípio da segurança. O princípio de segurança é o que se contrapõe ao princípio da surpresa, tentada aplicar pelo inimigo.

Poderíamos caracterizá-lo hoje: pela busca de informações sobre o inimigo, antes e durante a ação, existência de uma reserva compatível na mão do comandante, PAG, PAC, vigilância, apoio dos flancos em obstáculos, medidas de contra-informação, e sistema de comunicações eficiente para o rápido fluxo de informes e informações sobre o inimigo e das ordens consequentes, dos comandantes, para exercitarem o princípio da unidade de comando.

Princípio da segurança é proteger, por diversos meios, à disposição de um comandante, a força encarregada de realizar a ação principal. Segurança é principalmente informações e contra-informações, reserva e dispositivo flexível. Eles previnem a surpresa e protegem a força encarregada da ação decisiva. E caso ocorra a surpresa, asseguram condições para o comandante

neutralizar ou minimizar seus efeitos, através do emprego da reserva.

Caxias, na marcha de flanco de Humaitá, aplicou o princípio da segurança.

No ataque a Curupaiti, num reconhecimento a viva força para obter-se informações sobre o inimigo, morreram mais de 4.000 brasileiros. Caxias que foi chamado ao Teatro de Guerra, em decorrência deste desastre, obteve as informações que necessitava sobre Humaitá, pelo uso de dois balões cativos que mandou vir dos EUA. O resultado foi a montagem de uma operação sobre Humaitá. Esta terminou de cair através de segura e decisiva manobra que planejou e executou, sem o sacrifício inútil de vidas de soldados brasileiros e aliados. O princípio da segurança não foi observado por Moreira César, na expedição que comandou sobre Canudos. Isto ao subestimar o adversário e não se preocupar em colher informações sobre ele. O resultado foi mais um desastre militar, com a perda inútil de vidas de soldados brasileiros.

i. Princípio de simplicidade: Planos simples e ordens claras, precisas, inteligíveis e de fácil execução, caracterizam o princípio da simplicidade. “Na guerra só dá resultado o que é simples”, insistiam os militares de Missão Francesa no nosso Exército. “A Arte da Guerra é simples e é toda execução”, dizia Napoleão. E Caxias, segundo o Marechal Castelo Branco foi fiel a esta máxima.

A pesquisa e o estudo crítico da História Militar têm demonstrado que a vitória é decorrência de manobras simples e que a derrota é fruto de manobras complexas e confusas.

Simplicidade é a marcha de flanco sobre Piquiciri concebida por Caxias. Fixação da posição de Piquiciri e seu envolvimento, através de força enviada pela estrada do Chaco.

j. Princípio da unidade de comando: Basicamente se resume em qualidade de chefia e condições estruturais da organização para que ela seja exercida em sua plenitude. Esta figura traduz a essência do princípio. Um comanda e todos obedecem o que se contrapõe à figura oposta: todos mandam e ninguém obedece.

É o chefe quem aciona diretamente o subordinado e este recebendo ordens de seu chefe direto.

Unidade de comando significa hoje:

- Cadeia de comando bem definida e nítida divisão de responsabilidade;
- Boa qualidade das comunicações que infra-estruturam a Arma do Chefe;
- Doutrina Militar, bem entendida, aceita e praticada por todos;
- Chefe competente que desperte confiança e obtenha do subordinado obediência consciente, continuada e entusiástica no combate.

O desastre de Curupaiti, na guerra do Paraguai, é o mais eloquente exemplo na História Militar do Brasil, de inobservância do princípio da unidade de comando e de funestas conseqüências. Sua origem reside em 1^o de março de 1865, na estruturação do Comando Aliado pelo Tratado da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

A análise do desastre aliado em Curupaiti, é o exemplo mais eloqüente em nossa História Militar para um estudo crítico do princípio de unidade de comando. Seus ensinamentos possuem grande atualidade e devem estar sempre presentes na mente dos comandantes brasileiros do presente e do futuro. O então coronel Humberto Castelo Branco, em 1962, produziu excelente a permanente estudo crítico sobre o assunto, ao analisar o Comando Aliado na guerra do Paraguai (25).

O princípio da segurança, em seus aspectos de informações e contra-informação tem assumido especial relevo nos últimos conflitos. Para bem atendê-lo naqueles aspectos, o comandante nos mais diversos escalões, em campanha, deveria considerar os princípios gerais abaixo, úteis para a pesquisa e estudo crítico da observância do princípio da segurança:

Princípios de Williams para prevenir a surpresa - Assim os denominei (26) após algumas adaptações e complementações. Foram enunciados por um general dos EUA, contemporâneo e com larga experiência de combate. Observados pelos comandantes, ajudam a prevenir ou minimizar a surpresa militar:

1. Defina com objetividade, precisão e clareza as informações de que necessita. Insista em obtê-las, oportunas, imparciais, seguras, com amplitude necessária, claras, simples, precisas e controladas quanto à difusão, indicada no caso. Não desgaste seus analistas na dupla tarefa de desvendar as suas intenções e a do inimigo;

2. Insista em receber estimativas baseadas em fatos. Verifique a coerência das mesmas. Ouça as opiniões divergentes ou conflitantes, mas abalizadas;

3. Não corte a iniciativa dos analistas à sua disposição e oriente-os na direção conveniente;

4. Não conte, exclusivamente com as informações de seus analistas. Utilize fontes múltiplas, pois é raro o consenso entre analistas de informações. Encoraje mais do que desestimule, uma competição saudável entre as fontes múltiplas e mantenha as portas abertas para elas;

5. Se for surpreendido assuma a responsabilidade.

O chefe é responsável por tudo que aconteça ou deixe de acontecer. É provável que não tenha tido tempo para ocupar-se das informações disponíveis ou de acreditar nas que lhe foram fornecidas;

6. Resista a ser influenciado por um clima de opinião generalizada. Examine e considere todos os elementos disponíveis que contrariam a opinião generalizada (27);

7. Convença-se e se esforce para crer que seu oponente é tão esperto quanto você. Portanto, não o subestime sem conhecê-lo o suficiente;

8. Reconhecendo que seu oponente é tão esperto ou mais do que você, admita que ele possui sempre um plano para conquistar seus objetivos.

Portanto, empenhe-se, e a seus analistas, em descobri-lo;

9. Não se deixe influenciar pelos exercícios didáticos de aula e campo em que o inimigo é um obstáculo temporário entre você e o seu objetivo. Não confunda inimigo figurado, com o real;

10. Determine as possibilidades do inimigo, Depois, aplique-se na determinação de suas intenções reais, Lembre-se: a correta determinação das possibilidades do inimigo não exclui a ocorrência de surpresa. Para descobrir a real intenção do inimigo recorra à espionagem, interceptação de mensagens a PG, a desertores, a documentos capturados, ao conhecimento do caráter do líder oponente, etc. Não esqueça de elaborar e difundir uma lista de indícios capazes de indicar, com oportunidade, que determinada possibilidade inimiga está se caracterizando;

11. Exija e se assegure de que os informes sobre o inimigo fluam livremente através dos canais de informações do serviço à sua disposição;

12. Espere de seu oponente tentativas de surpreendê-lo na pior hora, local ou circunstâncias para você;

13. Saiba que os sinais de surpresa freqüentemente estão perdidos numa pilha de informes disponíveis, conflitantes ou irrelevantes. Procure resolver este problema e tirar partido do mesmo

14. Desenvolva alto padrão no serviço de informações à sua disposição. Escolha um chefe experimentado e qualificado para o mister, para organizá-lo, coordená-lo e para ser seu elo de ligação com o sistema de informações que integra. Não permita que o serviço à sua disposição seja afogado pela burocracia excessiva;

15. Lembre-se: um indício de surpresa, historicamente, tem sido captado por analistas menos graduados. Por tanto, certifique-se se todos eles são capazes e qualificados, ou se bons em outras funções, mas não qualificados para a de analistas.

Hoje os princípios de guerra foram incorporados na doutrina dos escalões táticos na defensiva e ofensiva. Mas não quer dizer que num país de dimensões continentais como o Brasil, o chefe brasileiro de pequenos escalões não se veja na contingência de criar um dispositivo original que não figure nos manuais. Constituí excelente exercício crítico para os cadetes, capitães em aperfeiçoamento e oficiais cursando a ECEME, procurar identificar onde os princípios de guerra foram atendidos no dispositivo adotado para o combate.

Síntese dos Princípios de guerra - Com apoio no máximo de informações, procurar atingir o inimigo no ponto decisivo (OBJETIVO) com toda a força material e moral possível (MASSA), que não comprometa o restante do dispositivo complementar (ECONOMIA DE MEIOS). Deslocar sua força para o objetivo com o máximo de rapidez (MANOBRA) e agressividade (OFENSIVA). Proteger a força durante o deslocamento (SEGURANÇA). Deixar forças

em reserva na direção do objetivo, para reforçar a ação principal ou livrá-la de uma ameaça real (SEGURANÇA). Realizar tudo sob uma direção centralizada (UNIDADE DE COMANDO). A execução será descentralizada e com apoio em planos simples e ordens claras, precisas e concisas, entendidas por todos os executantes (SIMPLICIDADE). Procurar atingir o objetivo no local e na hora em que o inimigo não o espere (SURPRESA).

6 - A Manobra e seus Elementos

A História Militar e a Manobra: Segundo o então coronel Golbery do Couto e Silva, em prefácio do livro A Manobra na Guerra do então major Amerino Raposo, distinto pensador militar brasileiro, “no estudo da Arte da Guerra - setor terrestre - não há, por certo, capítulo mais fecundo e de interesse do que a Manobra, tal como vem sendo realizada e concebida, através dos tempos, pelos grandes capitães. Isto desde que nela se busque, sobretudo, caracterizar-lhe a sua essência imutável, distinguir os elementos fundamentais que a estruturaram e a definem, deduzir suas constantes e identificar suas variáveis. E traçar, após tudo isso, com a mais ampla latitude e sob clara ordenação lógica, uma verdadeira tipologia da manobra”(28).

E prossegue mais adiante:

“Assim sendo, cumpre levar-se a efeito, em cada época e em cada país, à luz das características específicas do problema estratégico que desafia cada geração e orienta toda a preparação para a guerra, reinterpretação válida e realmente útil da História Militar. E daí, a reformulação da própria doutrina da Manobra - será o passo imediato”.

“E tudo isso impulsionado por um sentimento profundo, de que qualquer estudo, de Estratégia ou História Militar, deve ser sempre orientado por preocupações objetivas com o problema estratégico que nós enfrentamos, em nossa época e em nosso próprio país”.

A Manobra na Guerra: O então major Amerino Raposo produziu sob este título valioso, profundo e permanente estudo sobre o assunto. Infra-estruturou sua pesquisa em obras de Jomini, Rommel, Montgomery, Clausewitz, Von Schlieffen, L. Rousset, Dervien, Guillaume, Hana Speidel e valiosa documentação específica produzida pela ECEME, nos anos de 1958 e 1959. Seu trabalho fornece valiosos elementos críticos para o estudo e pesquisa da manobra e seus elementos, na História Militar e na História do Exército Brasileiro. Desta, explora algumas das manobras realizadas por Caxias na Guerra da Tríplice Aliança (Humaitá, Piquiciri e Curupaiti).

Apoiamo-nos, inclusive, em seu trabalho, como aluno da ECEME oriundo de uma arma de apoio, depois, ao produzirmos e publicarmos trabalho sobre as Batalhas dos Guararapes.

A seguir reproduzimos, sinteticamente, seu esquema:

Definição - Manobra é um conjunto de ações, que comporta de modo sucessivo ou simultâneo:

- Uma combinação de atitudes e direções; e
- Adequada repartição das forças, no espaço em que irão operar.

Tudo, para a configuração de um sistema harmônico e integrado, com a finalidade de conquistar um objetivo, no conjunto das forças adversárias e a despeito do inimigo.

Elementos da manobra: Objetivo, Formas (29), Direção e Repartição de meios.

1 - **Objetivo** - Definido na missão, ou a deduzir dela.

2 - **Formas** - Para conquistar o objetivo:

- Ofensiva;
- Defensiva; e
- Ofensiva - defensiva, ou mista.

3 - **Direções** - Utilizadas para a conquista do objetivo:

- Paralelas;
- Convergentes; e
- Divergentes.

4 - **Repartição de meios** - Como dosar judiciosamente os meios disponíveis para alcançar o objetivo, conciliando os princípios de guerra da massa e economia de meios.

Formas de manobra ofensiva:

1 - **Manobra Central:**

- Ruptura ou penetração; e
- Linhas interiores.

2 - **Manobra de Flanco ou Ala:**

- Desbordamento; e
- Envolvimento,

Amplitude da manobra - Função do esforço operacional e dos objetivos a conquistar:

- Manobra Tática; e
- Manobra Estratégica.

Execução da manobra - Quanto ao tempo

- Sucessivas - (Ex: envolvimento e desbordamento); e
- Simultâneas - (Ex: ruptura)
- Quanto à dependência do Comando da operação:
- Centralizada - (Ex: ruptura e desbordamento); e

Manobra Central: - Atuação mais ou menos perpendicular à frente do inimigo a atacar, por ruptura (ou penetração) ou linhas interiores. No primeiro caso, para romper a posição inimiga e criar flancos, para, rebatendo-os, abrir

a brecha necessária para a massa empregada conquistar o objetivo. No segundo caso, para colocar nossa massa no interior do dispositivo inimigo e batê-lo por partes para impedir que suas forças de manobra ocorram todas ao mesmo tempo, no ponto ameaçado.

Manobra de flanco ou ala: Uma ação secundária para fixar o inimigo na posição e uma principal para atuar no flanco. Chama-se desbordamento, quando a ação principal é dirigida para um objetivo na retaguarda próxima do inimigo. Objetivo que corte a retirada do inimigo e possibilite sua destruição na posição que ocupava. Chama-se envolvimento, quando a ação principal é dirigida para a conquista de um objetivo bem a retaguarda do inimigo. A sua finalidade é obrigá-lo a abandonar suas posições, ou desviar, para fazer face à ameaça, forças importantes.

Assim sendo, um envolvimento com êxito, permite a destruição do inimigo no terreno escolhido pelo atacante. Na II GM foi praticado o envolvimento vertical, por pára-quedistas.

Esta era a forma preferida por Napoleão. Caxias a utilizou com sucesso na Marcha de Flanco de Piquiciri. Atingiu a retaguarda profunda adversária e cortou sua linha de retirada e suprimentos. Depois bateu-o na Dezembrada (Ilororó, Lomas Valentinas e Avaí). Com isto ganhou a guerra no campo estratégico, por acabar com a capacidade defensiva estratégica do adversário, já que sua capacidade ofensiva táctica fora perdida na batalha de Tuiuti, vencida pelo general Osório e a capacidade ofensiva estratégica, em Riachuelo.

O aprofundamento no assunto, com exemplos reais estrangeiros e nacionais, pode ser feito entre outras nas seguintes obras, fruto de esforços de pensadores ou historiadores do Exército Brasileiro, além de Manobra na Guerra citada:

Bibliografia

AZEVEDO, Pedro Cordolino. **História Militar Geral e do Brasil**. Rio de Janeiro: s/ed, 1946. Antigo professor de História Militar de várias gerações da Escola Militar do Realengo e das primeiras da AMAN (30).

WIEDERSPHAN, Oscar. **Canae e suas batalhas**. Rio de Janeiro: Noite, 1936 (31).

AMAN - **Evolução da Arte da Guerra**. Resende: Ed - Acadêmica, 1975. Consolida trabalhos realizados desde 1955, por equipes de oficiais de Estado-Maior, que tenham exercido as funções de professor e, em data mais recente, de instrutor de História Militar.

RUAS Santos, Francisco. As Manobras; in: **Teoria e Pesquisa em História Militar**: Resende: Ed AMAN, 1961. Estudada inclusive a Batalha de Avaí e Lomas Valentinas, pp 116 e 124.

CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar. As Manobras de Santa Luzia, Piquiciri, Humaitá, etc; in: ECEME. **O Marechal Castelo Branco e seu Pensamento Militar**: Rio de Janeiro: S Ge Ex, 1966. Sob os auspícios da

ECEME.

BENTO, Cláudio Moreira. Análises das Manobras Luso - Brasileiras; in: **As batalhas dos Guararapes** – Recife: UFPE , 1971 pp. 97 - 167 e 135 - 141.

O que tem sido feito quanto à análise de ações da História do Exército Brasileiro do ponto de vista da manobra é pouco. Muito ainda é preciso ser feito.

A seguir reproduzimos um memento para os chefes, pensadores, planejadores e historiadores do Exército que desejarem pesquisar ou estudar, criticamente, manobras em ações de guerra na História do Exército Brasileiro, à procura de subsídios didáticos, ou para o desenvolvimento da doutrina. Enfim, para a edificação do Exército do futuro. Mas antes uma advertência:

Com referência aos fundamentos da Arte da Guerra, todos os elementos constantes da Doutrina Militar, mas variáveis no tempo e no espaço pelas infinitas combinações que permitem, faz-se necessário a seguinte advertência, sintetizando, complementando e atualizando Sun Tzu, Castelo Branco e Amerino Raposo:

Sete são as notas musicais e não existem no mundo músicas iguais. Cinco são as cores fundamentais e infinitas suas combinações. Cinco os paladares fundamentais e, jamais, alguém poderá conhecer todos os fatores da Decisão Militar e não serão encontrados dois chefes com decisões iguais. Cinco são os mandamentos da guerra, menos de dez os seus princípios e quatro os elementos constante de uma manobra permitindo infinitas combinações entre si e tornando impossível encontrar-se duas ações militares iguais.

E a respeito da Doutrina Militar, para os que consideram estática ou imutável e com caráter, de lei: Ela varia em função das infinitas combinações dos fundamentos da Arte da Guerra e mais acentuadamente, em função do progresso da Ciência e da Guerra.

Da pesquisa e do estudo crítico da História da Doutrina Militar conclui-se que a única coisa permanente é a mudança. Mudança que se acelera em nossos dias em razão da constante da doutrina militar – o homem, como chefe, combatente e pensador, a buscar, sem cessar, novas doutrinas, para as experimentar, na primeira oportunidade, no maior laboratório da Arte e Ciência da Guerra - o Campo de batalha. Busca que faz parte do eterno duelo entre os meios de destruição e os de proteção. Ontem, o escudo e a armadura contra a lança e a espada, muralha contra o canhão, a couraça contra a bala, a trincheira contra a metralhadora e, assim por diante, até a proteção nuclear contra armas nucleares.

Nas referências bibliográficas podemos concluir que já foram analisadas as seguintes ações do ponto de vista da manobra: Batalhas dos Guararapes, operações dos combates de Humaitá, Piquiciri e Curupaiti, Batalhas de Avaí e Lomas Valentinas e mais o combate de Santa Luzia. O que julgamos muito pouco, face ao alentado acervo cultural militar acumulado pelas FTB em quase cinco séculos.

Memento para a Pesquisa e o Estudo Crítico da Manobra

1 - **Contexto histórico** - Enquadramento histórico da batalha a analisar. Quando, onde e por que?

2 - **Reconstituição da batalha** - Como ela se desenvolveu do ponto de vista da manobra.

3 - **Classificação da Manobra quanto:**

- a) Amplitude: tática ou estratégica;
- b) Momento do seu desencadeamento;
- c) Suas constantes:
 - ofensiva, defensiva, mista;
 - direções paralelas divergentes ou convergentes; e
 - repartição de forças (no espaço e no tempo).
- d) Suas variáveis:
 - ações sucessivas ou simultâneas;
 - ações centralizadas ou descentralizadas;
 - manobra central ou de flanco; e
 - meios empregados.

4 - **Resultados da Manobra adotada.**

5 - **Conclusões da Pesquisa ou Estudo Crítico.**

Ensinamentos colhidos, sob a forma de erros e acertos, na sua concepção e execução. Inovações.

Ao final do trabalho desenvolveremos nos apêndices números 3 e 4, sob ângulo didático, inclusive à luz da Manobra, dois grandes momentos da História Militar do Exército: A 1ª Batalha de Guararapes onde despertou o espírito do Exército Brasileiro e a conquista de Monte Castelo pela nossa FEB, na Itália.

Eles poderão orientar estudos semelhantes, de caráter didático, sobre todos os demais combates e batalhas que tiveram lugar no Brasil em quase cinco séculos, desde o Descobrimento. Este é um trabalho a fazer e urgente para: contribuir para a formação dos quadros e da tropa.

Penso que as escolas do Exército de formação, aperfeiçoamento e de altos estudos possuem as melhores condições de realizar o estudo crítico de nossas batalhas e combates, com o duplo objetivo de formação profissional e de desenvolvimento da história educativa do Exército, a luz da experiência operacional de quase cinco séculos das FTB.

A AMAN, ao nível de subunidade. A EsAO ao nível de unidade e a ECEME, ao nível de grande unidade. Os referidos estudos assumirão maior relevância e objetividade, se comparados com outras batalhas e combates ocorridos no mundo na mesma época. Deste modo se terá a exata medida da evolução de Arte e Ciência da Guerra do Exército Brasileiro.

Notas ao Capítulo 4

1 - Vide espírito da Portaria Nº 61-EME, de 07 Out 77 Diretrizes para as Atividades de História no Exército (objetivos).

2 - Idem documento anterior.

3 - Manual Básico - ESG - 1977/78 - Desenvolve o assunto com detalhes.

4 - Idem nota anterior, pp. 188-204.

5 - Idem, pp. 29-61.

6 - Idem, pp. 77-78.

7 - Além destes trabalhos, registrem-se muitos outros de data recente já citados no capítulo anterior e mais:

OLINTO, Antonio. **Para onde vai o Brasil**. Rio de Janeiro:1978.

8 - Idem nota 3 p. 198.

9 - AMAN - **Evolução da Arte da Guerra**. Resende: Ed AMAN,1976/77,p. 1.

10 - ALVARES, Obino. **Estudos de Estratégia**. Diversas referências a Beaufre e outros conceitos de estratégia.

11 - PILAR. **Patronos das Forças**, pp. 205-233.

12 - Artigo sob o título - Guerras Ganhas Atrás das Linhas de Contato.

13 - DESCARTES Renê. **O Discurso do Método**. São Paulo: Aterra, s/d. Leitura importante para o pensador militar.

Josué Montello ao estudar a obra de Descartes na revista Manchete, número de Set 65 - obra prima que poucos leram - escreveu: "O Método é um dos mais seguros instrumentos de trabalho que o homem deu aos outros homens".

14 - Vide do autor Estudo Militar dos Fatores da Decisão Militar na Batalha do Passo do Rosário. Defesa Nacional, Nº 672, 1977, pp.63-110.

15 - ECEME - O Marechal Castelo Branco e seu Pensamento Militar, pp. 139-161 e diversas outras referências. Ao falar na importância das forças morais diz a certa altura o marechal Castelo:

"A guerra para o historiador é o sincronismo dos movimentos e datas. Para os chefes é um labor duro, continuado, formidável mesmo. Mas, para o soldado e o jovem oficial de fileira, é um longo convívio com a morte".

16 Idem, pp. 163-176. O Marechal Castelo Branco nos dá um exemplo de estudo histórico de chefes do ponto de vista profissional. Isto ao estudar Caxias, Osório e Sampaio. Sobre Caxias refere ter recebido o influxo de ensinamentos

das campanhas napoleônicas e os colhidos em lutas sul-americanas. E que baseava sua atuação na máxima napoleônica - "A guerra é uma arte toda execução". E que caracteriza a sua ação de comando no "senso do praticável". É sabido, hoje, que Caxias estudava a evolução da Guerra de Secessão nos EUA.

17 - Vide **Cultura Militar** - P. 221, 1972. Aniversário do EME e mais os seguintes estudos publicados na "Military Review":

- Imperfeições nas Relações de Estado-Maior. Abril, 1963, PP. 3-6; e
- Um Sucesso como Chefe de EM. Agosto, 1965, P. 49.

18 - BLADLEY, Osmar. **História de um Soldado**. Rio de Janeiro: BBIBLIX, 1965. 2v.

18a - Pensamento Militar Criador. "**Military Review**". Agosto, 1966 PP. 77-86.

19 - Idem nota 14 - Estuda o incêndio do campo de batalha e suas conseqüências.

20 - Idem nota 16.

21 - Idem nota 9.

22 - Bento, Cláudio Moreira. As Batalhas dos Guararapes, Recife: UFPE, 1971, 2v; e A Guerra da Restauração do Rio Grande, Rio de Janeiro: BIBLIX, 1997.

23 - Idem nota 15, PP. 114-135.

24 - Idem nota 22 - Restauração do Rio Grande

25 - Idem nota 16, PP. 104-5.

26 - Robert Williams, Gen Bda EUA. Surpresa, Sinais de Perigo. **Coletânea L** - Out 76, pp. 11-29 e mais:

Trabalho do autor - A Produção de Estimativas:

Menção Honrosa - Prêmio Argus - 1977, promovido pela revista **Coletânea L** - da Escola Nacional de Informações. Barbacena em Passo do Rosário não observou este ponto.

27 - Idem nota 14. Causa das dificuldades do Marquês de Barbacena, em Passo do Rosário.

28 - RAPOSO FILHO. **A Manobra** na Guerra (Prefácio), Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

29 - Preferimos adotar a palavra forma ao invés de atitude. Entendemos que atitude ofensiva relaciona-se com o Princípio de Guerra da Ofensiva que deve ser aplicado em qualquer forma de manobra.

- 30 - O general Cordolino produziu os seguintes trabalhos, entre outros:
- **Terra Distante** - Impressões de Goiás - 1925;
 - **Epopéia de Mato Grosso no Bronze da História** - 1926;
 - **Campanha Austro - Prusiana de 1826**;
 - **Campanha do Uruguai**;
 - **Guerra de Secessão**;
 - **A Guerra do Chaco**; e
 - **Marechal Pego Junior e a invasão do Paraná**.

Em 1979, na sala dos professores da AMAN encontrava-se em local de destaque sua espada. Faleceu aos 74 anos, após 38 de magistério militar. A presente referência é feita em atendimento a carta de 06 de março de 1978 ao autor, do Ten-Cel Henrique Oscar Wiedersphan e com apoio em subsídios por ele fornecidos. O missivista, contemporâneo do general Cordolino, considerado injustiçado como historiador e vítima de uma conspiração do silêncio: "Parece haver uma restrição à maneira como ele redigia os seus trabalhos. Talvez, por colidirem de certo modo, com as diretrizes da Missão Francesa da época, anteriores à 2ª Guerra Mundial e por esta modificadas em sua essência pelos acontecimentos de 1940, sob o ponto de vista doutrinário".

Seus livros, História Militar Geral e do Brasil contêm mais detalhes sobre sua obra. Até hoje, parte de seus estudos infra-estruturam o ensino de História Militar na AMAN. Sua história era descritiva.

31 - Julgo, salvo melhor juízo, que Wiedersphan foi um pioneiro do estudo crítico militar das batalhas brasileiras. Sua obra inspirou-se em Von Schilliffen, chefe do Estado-Maior alemão após a Guerra franco prussiana (1870).